

## A BÍBLIA E SUA ESTRUTURA LITERÁRIA

*Andrew Kirk*

"O objetivo deste trabalho é apresentar, de uma forma esquematizada, alguns dos métodos de interpretação bíblica que têm sido desenvolvidos durante o século XX, a partir de um interesse na forma lingüística, literária e histórica dos textos do Novo Testamento. A idéia é assinalar tanto as aproximações quanto as desvantagens desses métodos, para que o leitor da Bíblia tenha informação acessível sobre as correntes atuais de interpretação neotestamentária, tais como vêm sendo realizadas a nível dos eruditos profissionais".

### O ponto de partida

O propósito de toda a discussão a seguir é colocar o conhecimento de certas ferramentas do estudo bíblico à disposição da igreja local e dos cristãos, dentro de suas vocações particulares no cumprimento da missão protagonizada por Deus.

O nível de utilidade pretende ser aquele que sirva às necessidades dos pastores e de outros ministérios da igreja que buscam maior compreensão e motivação para suas responsabilidades. Por "ministério" quero entender qualquer posição de liderança exercida na igreja, ou por cristãos no mundo secular.

Por conseguinte, não nos interessa uma discussão meramente acadêmica, dirigida aos "profissionais" da interpretação bíblica. Nossa intenção é, antes de tudo,

tentar extrair de todos os métodos o que parece ser proveitoso para a leitura e aplicação dos textos no contexto do compromisso com o mandato de Cristo, em toda a sua amplitude.

### Pressupostos

A tarefa de interpretação está baseada em importantes premissas. Juntas, estas assinalam que ninguém pode aproximar-se de um texto da Bíblia como se esta fosse um documento qualquer do mundo antigo. Frente à Bíblia, uma posição teórica que se suponha neutra ou objetivamente aberta ao sentido do texto ignora ou nega os pressupostos reais, sejam eles positivos ou críticos, que se escondem em cada exegeta.

Em primeiro lugar, o texto é uma palavra viva que fala hoje, e não uma letra morta. A Bíblia fala da história da salvação. Esta história não terminou com a última palavra escrita por um apóstolo: continua até os nossos dias. Nós somos parte da mesma história da salvação, da mesma forma que a igreja primitiva, pois nós, pela graça de Deus, respondemos à mesma mensagem que os cristãos de Jerusalém, Antioquia, Éfeso, Corinto e Roma também responderam. Nós fomos libertados da nossa impiedade e injustiças, do mesmo modo que eles. Somos a prova viva (2 Co 3.1-3) da história da salvação. Portanto, a tarefa da interpretação cumpre-se na medida em que somos testemunhas, hoje, da maneira como a salvação de Deus em Cristo se concretiza em nossas vidas, tanto a nível pessoal como comunitário.

Em segundo lugar, existe a necessidade de comunicar a mensagem de um momento histórico para outro. A primeira coisa a fazer é produzir uma tradução fiel das línguas do texto para o idioma que falamos diariamente. Para executar esta tarefa, é preciso haver uma profunda compreensão das palavras originais, tanto em seu estado diacrônico quanto sincrônico. Por sua vez, o intérprete deve possuir a habilidade de explicar termos difíceis

(por exemplo, "o primogênito de toda a criação", "a circuncisão de Cristo"), os quais, se forem traduzidos literalmente, não terão o mesmo significado proposto pelo autor. E deve esclarecer o sentido das palavras (por exemplo: libertação, lei, mundo) quando existirem conotações diferentes entre o seu uso contemporâneo e o dos autores bíblicos.

Estabelecer pontes entre histórias e culturas diferentes não é só uma questão de como compreender certas características e costumes da vida do Oriente Próximo de há dois ou três mil anos atrás, mas também de como aplicar a mensagem da salvação às circunstâncias diversas de nossa existência atual. Ao contemplarmos as demandas árduas e difíceis de resolver - da educação, do estilo de vida, do trabalho, do desemprego, da corrida armamentista, dos direitos humanos, da psicologia do status quo, da relação entre a medicina moderna e a saúde, e muitas outras mais - não podemos encontrar soluções claras, como se fossem equações matemáticas, através do método de reunir textos, por mais engenhoso que seja o nosso trabalho.

Em terceiro lugar, a mensagem bíblica preocupa-se implicitamente com a vida humana de todas as épocas. Na prática, muitos cristãos mostram que não crêem nisso. Por um lado, limitam arbitrariamente o evangelho a uma aplicação pessoal, ao considerarem que as implicações sociais são demasiadamente difíceis ou duras de enfrentar. Por outro lado, deixam que suas atitudes e ações relacionadas com eventos contemporâneos sejam formadas e determinadas pelas opiniões correntes da cultura do seu meio-ambiente. A hermenêutica bíblica torna-se possível somente quando os cristãos estão convencidos de que é possível se chegar a uma resposta claramente cristã, no que se refere aos desafios do momento.

Em quarto lugar, é imperativo que a igreja, no cumprimento de sua missão, reflita bíblicamente sobre o mundo contemporâneo. Este fato surge necessariamente da

---

essência da nossa compreensão de Deus, como manifestado em Jesus. Quando oramos "seja feita a tua vontade assim na terra como no céu", reconhecemos duas verdades iniludíveis: que Deus é o Senhor soberano de todos os detalhes da vida, e que sua vontade pode ser conhecida e posta em prática. Para tornar concreta esta oração, a hermenêutica é imprescindível.

A tarefa hermenêutica acontece como uma interação dinâmica entre o sentido da Escritura (o que o autor quis comunicar com as palavras que escreveu) e o seu significado (o sentido original no processo de ser comunicado, assimilado, aplicado e obedecido por qualquer pessoa que o escute).

Um bom exemplo deste processo pode ser um grupo de textos que anunciam um final para as divisões humanas (causadas por orgulho ou ressentimento) dentro da comunidade de fé, com base na obra reconciliadora efetuada por Cristo (At 13.1; Rm 12.10,16; Gl 3.26-28; Fp 2.3,4; Ef 2.14-19; Cl 3.9-11). A aplicação desta cadeia de textos, hoje em dia, dirige-se à problemática da riqueza diversificante, ao racismo, à sexualidade e ao "esnobismo" cultural.

O intérprete é qualquer crente cristão. Tem à sua disposição uma porção de recursos, embora não possa usar a todos, durante todo o tempo: a) O Espírito Santo, que conhece completa e perfeitamente "a mente de Cristo"; b) um conhecimento dos idiomas, da investigação histórica e dos princípios de análise literária; c) um conhecimento de como funcionam as ciências humanas, quais são os seus pressupostos, como chegam às suas conclusões e como avaliar a legitimidade de suas análises e propostas de mudanças; d) os tesouros de sabedoria e experiência acumulados no passado pelo povo de Deus, ao tentar entender e aplicar o mesmo texto; e) as várias abordagens do texto empregadas por diferentes comunidades no mundo de hoje.

A hermenêutica revelar-se-á uma empresa frutífera à

medida que cada um destes fatores se mantiver em equilíbrio com os demais. Agora, vamos concentrar-nos no princípio da investigação histórica e literária. Tentaremos destacar e avaliar alguns métodos da crítica que têm dominado a interpretação bíblica, a nível formal e acadêmico.

### O Método Crítico

Minha principal intenção não é lançar uma polêmica contra a crítica, se bem que, em algumas áreas, tanto de métodos quanto das conclusões, eu tenha algumas reservas. Antes de passarmos às abordagens positivas, mencionarei as perguntas que me sugerem a este respeito:

1) Supõe-se uma certa autonomia do erudito diante do texto. O conceito de liberdade acadêmica, proveniente da idéia de se ser um indivíduo pensante, é o pressuposto de um tipo de positivismo que faz uma rígida divisão entre sujeito e objeto. À luz de disciplinas tais como a Psicanálise e a Sociologia do Conhecimento, essa divisão precisa ser reavaliada.

2) Muitas vezes, a crítica bíblica confunde um distanciamento da perspectiva da cultura e da cosmovisão bíblica com uma rejeição às mesmas. Sob o lema da cosmovisão científica, o ponto de vista dos autores bíblicos é posto em dúvida. Na verdade, uma pretensa cosmovisão científica é, até certo ponto, mais promovida por filósofos e teólogos do que por cientistas, particularmente quando sua forma parece estática e fechada.

3) A crítica bíblica revela, muitas vezes, um ceticismo desnecessário. Em questões de confiabilidade histórica, no que se refere a dados e datas encontrados em documentos extrabíblicos, muitos biblicistas asseguram que o texto é culpável, até que se prove sua inocência. O problema é sabermos de onde vem o peso da prova.

4) Além disso, em várias ocasiões ela é especulati-

va, ou seja, hipotética, no que se refere aos processos de formação do texto, do contexto histórico e do sentido de algumas passagens. Como disse alguém, muito da crítica é teoria baseada em teoria, e todas elas construídas sobre areia movediça (1). Parte da causa encontra-se no propósito do próprio método, parte no contexto em que se efetua a crítica, parte na falta da exigência de prestação de contas, fora do foro acadêmico, pelas conclusões tiradas.

5) A crítica ajuda muito pouco na aplicação do texto à vida real. Ela vê sua tarefa em termos de prolegômenos, de fixar um sentido que outros possam pegar e aplicar a diversos contextos. Como consequência, os limites das perguntas feitas ao texto são estreitos. Crê, aparentemente, que uma separação entre a descoberta do sentido e do significado deve ser mantida. Não se dá conta de que o propósito conferido ao método modifica os resultados a serem obtidos.

Por outro lado, vejo implicações positivas no método quando ele é usado em relação com outros métodos de interpretação bíblica. Enfatiza, por exemplo, a necessidade de uma certa disciplina de método. Exige, igualmente que cada exegeta justifique sua interpretação; não permite que cada um adote subjetivismos por sua própria conta. Insiste no princípio do contexto histórico como o controle do sentido, opondo-se às interpretações anacrônicas e espiritualizantes. Demonstra algo da multiplicidade e da diversidade de perspectivas a partir das quais se pode ver a mensagem do evangelho.

#### A História (crítica) da Forma

Para resumir, este método de investigação histórica tem a haver com a suposta história das fontes que, juntas, formam alguns dos livros canônicos da Bíblia. O método tem sido aplicado particularmente aos evangelhos sinóticos.

Vê uma tentativa de reconstruir o processo pelo qual diferentes documentos, descrevendo facetas da vida de Jesus, vieram a ser escritos no período entre a ressurreição e o primeiro evangelho (provavelmente Marcos). Interessante, em particular, a situação da igreja de onde surgiu a matéria das fontes.

O método baseia-se em vários pressupostos. Desde que o método da história das formas se iniciou nos estudos dos exegetas alemães, na segunda e terceira décadas deste século, já se passou tempo suficiente para submeter as premissas a uma rigorosa análise. O resultado deste processo tem levado a maioria dos especialistas a afirmar algumas e a descartar outras, como veremos a seguir. Em primeiro lugar, partes dos evangelhos (pequenas histórias) circularam independentemente durante vários anos (aproximadamente trinta anos), antes de serem reunidas numa única narrativa. Aparentemente, Lucas refere-se a este processo em seu prefácio, quando diz que "muitos houve que empreenderam uma narração coordenada dos fatos que entre nós se realizaram". Os relatos a que ele se refere não eram somente orais, pois Lucas continua dizendo: "igualmente a mim me pareceu bem... dar-te por escrito... uma exposição em ordem" (Lc 1.1-3).

Em segundo lugar, as pequenas histórias podem ser classificadas segundo a matéria de que tratam. Desta forma, a vida de Jesus tem sido dividida em diferentes tipos de tradição (por exemplo: relatos de milagres, parábolas, paradigmas, ditos, ensinamentos, relatos "mitológicos" - o batismo, a tentação, a transfiguração - e "lendas" - as narrativas da infância).

Em terceiro lugar, supõe-se que cada classificação corresponda a um contexto particular na vida da igreja. Em virtude de necessidades missionárias, apologéticas e didáticas, as matérias foram preservadas e depois reunidas.

Em quarto lugar, no processo do uso das tradições,

---

fizeram-se significativas modificações. Ao se comparar o mesmo relato nos três evangelhos, ou mesmo em dois deles, pode-se detectar a influência dos interesses eclesiásticos das diferentes comunidades da Palestina.

Em quinto lugar, alguns eruditos (os mais críticos) supõem que o esqueleto histórico no qual foram inseridas as pequenas unidades não representa a história como tal. Aham que é um aparato artificioso concebido para dar uma certa coesão a todas as matérias. De maneira que o contexto textual das tradições não tem muita importância. Para entender o significado de cada coisa é necessário encontrar seu contexto eclesiástico.

Em sexto lugar, em sua forma mais extrema (a escola da demitologização), o método tem sido usado para a re- interpretação massiva dos milagres. Através de um método hermenêutico governado pelos pressupostos filosóficos racionalistas, tem sido possível entender os relatos em termos do existencialismo moderno. Essa escola conseguiu abrir um abismo entre a facticidade histórica e a fé. Desta forma, o Jesus histórico se desvanece: o que ele fez e disse não pode ser conhecido com nenhuma confiança. O Cristo da fé acaba sendo o centro de interesse. A fé cristã não pode preocupar-se com Jesus de Nazaré, mas sim, com o Cristo do kerygma. A investigação histórica dos documentos do Novo Testamento concentra todos os seus recursos na fé das primeiras comunidades. O que interessa, e o que é recuperável historicamente, é a interpretação ou a opinião dos primeiros cristãos acerca de Jesus, e não o que ele pensava sobre si mesmo e sua missão.

O método da crítica da forma não tem contribuído muito para a interpretação do texto dos evangelhos, embora a classificação das matérias em gêneros segundo critérios literários seja útil, sobretudo na interpretação das parábolas de Jesus.

O fracasso do método como uma tentativa de recons-

---

truir os elementos de uma história para a qual não existem fontes primárias deve-se à natureza circular do argumento. A única evidência concreta que temos acerca da vida das comunidades cristãs primitivas encontra-se nos Atos dos Apóstolos e nas cartas às igrejas. Em geral, não há incidência de temática entre os evangelhos e as cartas, a não ser em uns poucos casos. Portanto, o método tem que considerar como evidência primária para a situação das primeiras igrejas o que na realidade está tentando comprovar, a saber, que os evangelhos provêm evidência para a vida da igreja e não para a vida de Jesus.

O método não pode ser considerado científico no sentido usual da palavra, pois carece de controles para verificar ou falsificar as hipóteses. Cada tentativa de reconstruir situações é especulativa. Portanto, o método não pode ser usado para provar a historicidade dos relatos acerca de Jesus. Se todas as tradições são secundárias no que se refere à história de Jesus, não temos tradições originais que, ao serem comparadas, possam indicar que as outras são secundárias. Além disso, até agora ninguém conseguiu esclarecer critérios objetivos e satisfatórios para poder distinguir entre materiais primários e secundários (2).

Além disso, uma comparação entre a situação da comunidade primitiva, conhecida diretamente através das cartas, e a situação refletida nos evangelhos mostra que os escritores do Novo Testamento sabiam distinguir bem os dois momentos históricos. A falta de interesse no Jesus histórico por parte de alguns críticos neotestamentários demonstra o contexto cultural no qual eles estão trabalhando, e não ajuda a descrever o contexto e os interesses dos primeiros cristãos (3). O método da crítica das formas não explica, em primeiro lugar, o interesse que tinha a igreja primitiva na continuidade entre o Jesus histórico e o Jesus ressurreto que encontramos, por exemplo, nos discursos primitivos preservados nos Atos dos Apóstolos; em segundo, no impacto que fez a tradição

atribuída ao próprio Jesus; em terceiro, na disposição para sofrer a perseguição, até o martírio, por uma confissão de fé que supostamente os cristãos não sabiam com certeza ter-se originado em Jesus; em quarto, a insistência dos próprios escritores em que os relatos estão baseados em evidência fornecida por testemunhas oculares (Lc 1.2; At 1.21; 1 Co 15.6; 1 Jo 1.1-4).

Concluimos, pois, com T.W. Manson, que há muito afirmou: "O termo crítica das formas deve reservar-se para o estudo das diferentes unidades de narrativas e ensinamento que constituem os evangelhos, no que diz respeito à sua forma, e somente para isso".

C.S.C. Williams diz algo parecido, ao enfatizar que "a crítica de formas é um instrumento literário e não histórico, e não pode ser usado para emitir um veredito final quanto a nenhuma parte do Novo Testamento (4).

#### A História (crítica) Redacional

Em parte pelo aspecto especulativo e a-histórico do método das formas, intérpretes dos evangelhos têm-se concentrado mais na forma atual dos textos e menos nos supostos processos de redação do período anterior à saída dos evangelhos.

Este método tem a vantagem de lidar com um texto existente. Além disto trabalha, em cada caso, com um só autor, desligando-se da teoria da paternidade múltipla.

O método investiga as ênfases teológicas de cada evangelista e procura descobrir como este deu forma às tradições recebidas.

Conseqüentemente, o método tem suas próprias premissas. Pressupõe, por exemplo, que cada evangelista tinha uma certa disposição teológica, que quis manifestar em cada oportunidade.

Pressupõe também que, cada vez que há uma diferença entre os evangelistas na apresentação dos mesmos acontecimentos, isto se deve a seus interesses teológicos. Isto significa que a diferença deve-se ao fato de ter o autor retocado a tradição que recebeu. Não vê a possibilidade de que ele a tenha deixado na sua forma original.

Pressupõe a prioridade de Marcos, e que Mateus e Lucas tinham cópias de Marcos quando estavam compilando seus evangelhos - teorias, no entanto, não estabelecidas fora de dúvida.

Pressupõe que as diferenças entre os evangelistas são mais importantes do que as coincidências.

E, finalmente, pressupõe que nos evangelhos encontramos não tanto uma unissonância, mas mais uma harmonia na interpretação do ministério de Jesus. Neste sentido, muito antes de haver surgido a escola e o nome da crítica redacional, eruditos já haviam isolado interesses particulares de cada evangelista. Originalmente, os intérpretes distinguiam as diferentes ênfases de cada evangelho, baseando-se nas matérias que aparecem unicamente no evangelho em questão (no caso de Lucas e Mateus, nos documentos hipotéticos "L" e "M", respectivamente). A este método a crítica redacional acrescentou mais duas abordagens: a) a comparação das matérias disponíveis em comum (Marcos e Q); b) a investigação de estruturas particulares do evangelho como um todo - conhecido como história (crítica) de composição.

Como método, nenhuma objeção a fazer. O uso do método não implica em nenhuma conclusão em particular. Por exemplo, a criatividade na seleção e o uso das tradições não implica, necessariamente, na própria criação de algumas destas. Evidentemente, na apresentação de um mesmo relato, algumas vezes os evangelistas quiseram fazer diferentes aplicações. Por exemplo, no caso do servo do centurião (Mt 8.5-13; Lc 7.1-10), Mateus tira a conclusão de que Deus não faz acepção de pessoas, ao passo que

Lucas enfatiza a extraordinária fé de um gentio.

Poder destacar a variedade na apresentação de Jesus, as distintas ênfases teológicas, parece-me uma coisa positiva. Desta forma podemos encontrar, por assim dizer, diferentes teologias ou interpretações dos grandes acontecimentos de Deus. Assim, de fato particularizamos um processo hermenêutico em operação dentro da própria Bíblia. Delinear este processo pode ajudar-nos em nossa tarefa hermenêutica.

Não há dúvida de que o método deve ser usado com cautela. Diferenças textuais entre diferentes evangelhos nem sempre são devidas a interesses teológicos ocultos. Muitas vezes, devem-se a traduções diferentes de uma única citação em aramaico (cf. Mc 2.17a e Lc 5.31); outras vezes (como no caso dos nomes dos doze apóstolos) dependem de tradições distintas e independentes. É muito difícil saber se a diferença já estava na fonte recebida pelo evangelista ou se foi colocada por ele por interesses redacionais ou de estilo. Às vezes os eruditos prestam atenção demasiada a detalhes insignificantes. Quando os evangelistas são submetidos à análise de computadores, sua forma literária e histórica às vezes se perde de vista. A indústria de fazer doutorados baseados em pequenos detalhes está em pleno crescimento.

O isolamento de certo locus theologicus pode ter seu perigo, no sentido de que todas as matérias do evangelho são vistas à luz desse ponto teológico em particular (por exemplo, o suposto segredo messiânico em Marcos, os verdadeiros fazedores da Lei em Mateus, o universalismo em Lucas, a divisão entre judeus em João). Não há um só tema teológico, nem um só grupo de receptores (judeus, gregos, judeus-helenistas, ou seja lá o que for).

Enfim, a crítica redacional pode lançar luz sobre o período da composição final dos evangelhos, pode ajudar na classificação das tradições, e pode descobrir alguns dos propósitos de cada evangelista na origem e formação

de seu evangelho.

### A Abordagem Estruturalista

O estruturalismo, como uma disciplina acadêmica, originou-se na lingüística. O estruturalismo tem se preocupado com os elementos infraestruturais da vida e cultura humanas. Tenciona penetrar por debaixo das estruturas puramente perceptíveis, para além da investigação empírica. Tem sido a busca de constantes universais, subjacentes à própria natureza humana, quaisquer que sejam as variáveis no tempo e no espaço.

Está relacionado com o trabalho do lingüista Saussure e do antropólogo Levi Strauss. Baseando sua investigação na distinção feita por Saussure entre langue (idioma) e parole (fala), Levi Strauss acreditava que encontraria estruturas universais na quantidade de materiais etnográficos que havia colecionado.

Langue representa a estrutura de um idioma na sua totalidade. Parole é a manifestação particular, concreta, culturalmente concentrada, dessa estrutura.

Um exemplo da estrutura subjacente, profunda e obscura, é o que se chama "a oposição dual" (por exemplo, alto-baixo, quente-frio, doce-azedo, etc). Cada grupo humano, qualquer que seja a forma gramatical e sintática de seu idioma, classifica e acumula informações acerca do mundo através desta oposição.

A existência de "mitos" (como explicaremos mais adiante) precisa ser vista como uma tentativa de explicar e resolver a realidade da oposição.

O impacto do estruturalismo sobre a exegese é grande, potencialmente. Se tomarmos como ponto de partida os três princípios fundamentais do estruturalismo por Michael Lane (5), veremos como funciona esta nova aproximação do texto.

Primeiro: o todo deve ser explicado pelas relações entre as partes. Este princípio exige um método que se concentre mais no texto como uma unidade (um discurso cujo sentido encontra-se na variedade de relações possíveis entre as partes) do que nos elementos atomísticos (por exemplo, o estudo de palavras, ou das generalidades extraídas de um estudo das formas gramaticais, ou ainda a comparação de passagens). O importante, a base primária, vem a ser o texto em sua forma final, canônica. O significado do texto não se descobre na investigação do processo de composição do texto, ou seja, na descoberta de diferentes linhas de tradição (6). A abordagem estruturalista evita o historicismo da crítica das formas ou das tradições (traditionsgeschichte). Chama-se, às vezes, a análise do discurso. O objeto sempre é o produto gráfico concluído, quaisquer que tenham sido as etapas percorridas na sua formação.

Segundo: há uma distinção entre a análise sincrônica e a análise diacrônica. A diferença entre as duas está no fator tempo. A abordagem estruturalista insiste na prioridade da análise sincrônica, isto é, o estudo de um texto em um dado momento. A partir desta perspectiva, o significado de um texto depende do que o autor e seus receptores conheceram acerca de sua cultura e idioma. O sentido de uma palavra ou frase tem a ver exclusivamente com o seu uso contemporâneo.

Este método enfatiza a criatividade e liberdade do autor. Não se deixa, de forma alguma, prender pelo passado, pois, para chegar ao sentido, não importa saber as sutilezas de conotação no conceito que utiliza, mas apenas se o autor estava consciente delas. Outra vez, o que importa para a exegese é o próprio texto. A análise tenta desligar-se da especulação acerca das origens e até do contexto histórico mais amplo, para focar a riqueza do próprio argumento.

Terceiro: os acontecimentos e idéias do mundo humano são a consequência das estruturas profundas, cuja função

é abranger os diversos aspectos da cultura e do discurso. No estruturalismo há um movimento rumo à busca de um modelo teórico, causal, que explicaria todo o fenômeno. O modelo funciona como uma armação que interpreta toda realidade (pode ser o "mito" da criação, da queda, de uma utopia, da ilusão da matéria, etc). Na análise do texto, então, é necessário relacionar o argumento do autor com essas estruturas mais profundas.

Como no caso de toda a cultura da modernidade, o modelo é usado de forma funcional; no caso de Levi Strauss, como já vimos, para confrontar ou mediar a realidade dos opostos. O critério do modelo ou "mito" está no seu "êxito", ou seja, na sua atividade ao dar coesão a uma sociedade, cultura ou subgrupo. Não se pergunta por sua verdade. O resultado é a relativização da história.

Agora, este método tem suas vantagens e seus perigos. Por um lado, a idéia da "oposição dual" explica bem várias categorias bíblicas - a vida e a morte; a luz e as trevas; descer e subir; amor e ódio; riqueza e pobreza; homem novo e homem velho; etc. Por trás das oposições está toda a dinâmica da atividade de Deus em Cristo mediando a reconciliação, a paz e a saúde. Por outro lado, a oposição não é a categoria metafísica definitiva. Existem dois perigos diferentes no esquema: ou aparecem as falsas oposições (por exemplo, matéria e Espírito; indivíduo e sociedade; unidade e pluralidade) ou as oposições parecem falsas (como no misticismo oriental) ou reconciliáveis (como no universalismo teológico). O modelo que controla a relação entre a estrutura profunda e a realidade cotidiana é a auto-revelação de Deus. O modelo não é criado por razões funcionais, mas, sim, ele próprio cria. Não é impessoal, mas pessoal. Toda exegese relaciona-se estreitamente com o ser e o fazer de Deus. Evitando as pressuposições da modernidade fixadas na disciplina, o estruturalismo pode ser usado como uma ferramenta heurística, relevando diferentes etapas no sentido da narrativa.

## A Contribuição dos Lingüistas

Destacamos a necessidade de um processo de equivalência dinâmica no labor da tradução. A tradução tanto é uma ciência quanto arte. Enquanto ciência, o tradutor tem por meta ser fiel ao sentido original de palavras e frases, observando, cuidadosamente, as regras de gramática dos idiomas bíblicos. É um processo, por assim dizer, de imersão total na mentalidade de uma cultura, tal como está impressa em forma lingüística. Enquanto arte, o tradutor tem que aprender a usar a imaginação no descobrimento das equivalências entre uma palavra falada e a outra. Para fazer isto, precisa conhecer também sua própria cultura, tal como está impressa em forma lingüística. Sem dúvida alguma, o profundo conhecimento dos idiomas do texto vem primeiro, pela simples razão de que o tradutor tem que saber o que deseja transmitir de um para outro idioma. Às vezes, sua língua materna pode tornar-se mais num impedimento do que ajuda, por falta de correspondência na conotação das palavras e formas gramaticais. A imersão em um idioma ajuda as pessoas a se sensibilizarem para a riqueza de expressão que jaz sob as formas das frases (7).

Neste sentido, os lingüistas costumam fazer uma distinção entre a palavra como signo e como símbolo. Como signo, o sentido da palavra é controlado, tanto pela origem como pelo desenvolvimento semântico - o sentido diacrônico. Se queremos comunicar, não temos a liberdade de inventar sentidos. Como símbolo, pode haver um sentido múltiplo, conforme o contexto em que se encontra e se desenvolve a palavra, seja este o contexto do texto ou o da cultura. Um exemplo pode ser o conceito de shalom, eirene, paz.

Segundo a teoria da estrutura da linguagem, o texto como símbolo possui um excesso de sentido; ou, em outras palavras, distintos níveis de sentido, tornando-o acessível e aplicável para mais além dos leitores originais. O sentido não pode congelar-se na história passada.

Durante muito tempo, os eruditos têm reconhecido um problema quanto à linguagem utilizada. Levando em conta que, salvo no caso de Lucas, todos os autores tinham como língua materna o arameu, a dificuldade reside em como saber até que ponto o grego que eles escreveram representava um grego falado, ou a nível cultural (Hebreus?) ou a um nível comum (Marcos?, Pedro?), ou, caso contrário, se já representava um grego "aramaizado" ou "septuagintizado". O assunto torna-se ainda mais complicado pela forma dos escritos (por exemplo, os evangelhos, gêneros literários sem comparação fora da Bíblia) e seu conteúdo (o evangelho com sua temática particular e termos técnicos).

O problema não é fácil de resolver (um exemplo bastante citado são as múltiplas formas de citação do Antigo Testamento dentro do Novo Testamento). Sem dúvida, a tradução e, conseqüentemente, a interpretação, dependem de nossa compreensão da cultura lingüística dos escritores.

A contribuição dos lingüistas na tarefa da interpretação constitui-se no que se denominaria "a comunicação apropriada" (comparar a tecnologia apropriada aplicada ao desenvolvimento dos povos marginalizados). Eles trabalham com os princípios das seleções múltiplas e do conhecimento por analogia, que são ambas ferramentas indispensáveis na tarefa hermenêutica.

#### CONCLUSÕES

Os temas que tentamos desenvolver brevemente talvez sejam desconhecidos dos pastores e ministros que não conseguiram estudar teologia a nível universitário. Por isso mesmo pode ser que lhes pareçam de importância relativa, sobretudo porque, bem ou mal, já estão utilizando seus próprios métodos de interpretação e aplicação do texto.

Com certeza, não devem ser descartados com tanta

---

facilidade. Tanto em um como no outro caso, podem ajudar o leitor a se aprofundar mais no conhecimento da mensagem que deseja estudar. A abordagem estruturalista, por exemplo, ajuda a descobrir a interrelação entre as diferentes partes de uma história (At 17.16-33) ou de um argumento denso, comprimido ou alusivo (v. gr. Rm 5.12-21; 2 Co 5.1-10) à sua totalidade. Exige um estudo cuidadoso do texto, mas traz muitas recompensas.

A história das formas e da redação é mais acessível ao pastor através de comentários. Pode ajudá-lo a entender um pouco do processo pelo qual o texto chegou a sua forma final. Ao penetrar no processo, ele poderá receber algumas indicações de como a mente do autor funcionava, à medida que este selecionava, ordenava e organizava as diferentes tradições.

Enfim, se usados com a devida inteligência e prudência, os métodos podem enriquecer a parte exegética, formal, do trabalho hermenêutico. Podem também fornecer algumas pistas rumo uma consciência de como os mesmos autores aplicavam a Palavra de Deus a suas situações concretas.

## PERGUNTAS

1. Como você explicaria a afirmação de que o texto é uma palavra viva e não letra morta?
2. Em sua opinião, quais são os problemas mais contundentes de hoje, os quais exigem uma resposta bíblica?
3. Quais são alguns dos elementos mais importantes que devem ser levados em conta, ao se comunicar a mensagem bíblica a um mundo que não a conhece?
4. Quais são os valores e as limitações dos métodos críticos exemplificados neste trabalho?
5. Pode pensar em outros exemplos bíblicos da "oposição dual"? Que papel desempenham estes no plano salvífico de Deus?
6. Faça uma comparação lingüística (atenção para as formas gramaticais, estilísticas e verbais) da passagem de Colossenses 2.9-15, utilizando pelo menos quatro versões diferentes.

(Tradução: Sileda Steuernagel)

#### NOTAS

1. Para exemplos das arbitrariedades no uso do método, no caso da história das formas, veja-se S. NEILL, *La interpretación del Nuevo Testamento, 1861-1961*. Buenos Aires. La Aurora. Everret HARRISON, *Introducción al Nuevo Testamento*. Grand Rapids. 1980, p. 147ss. G.E. LADD, *The New Testament and Criticism*. Grand Rapids. Eerdmans. 1967, p. 146ss.
2. Vide LADD, op. cit., p. 163,164.
3. NEILL enfatiza o fato de que muitos dos intérpretes bíblicos não foram formados na disciplina da investigação histórica: op. cit.
4. Citado em HARRISON, op. cit., p. 154.
5. *Structuralism*: A. READER, London, 1970.
6. Roland BARTHES et. al. *Análisis estructural y exégesis bíblica*, Buenos Aires. Ediciones Megápolis, p. 19.
7. Uma maneira de se perceber a riqueza de possibilidades na tradução da Bíblia é comparando-se as diferentes versões. No espanhol, por exemplo, existem mais de trinta: Reina Valera (1960), a Versão Popular, a versão de Alonso Shökel, a Bíblia de Jerusalém, o Livro da Antiga e Nova Aliança (produzido por Levoratti e Trusso de Buenos Aires). Sobre o uso do princípio da equivalência dinâmica na versão Deus Fala Hoje, vide W. L. Wardely, *Traducciones bíblicas para uso popular*. México. 1969. (N. do Ed.: Em português não temos tantas versões como no espanhol, mas já são em bom número também: Almeida; Matos Soares; Bíblia na Linguagem de Hoje; Bíblia Viva; Bíblia de Jerusalém; Bíblia Vozes; Cartas às Igrejas Novas - Phillips Fernandes).